



>> Maldita informática

A vida tinha-lhe corrido bem, desde que descobriu que poderia viver por bons anos a usufruir das vantagens de estudante universitário, tinha sido fácil ir mudando de curso e viver à custa de bolsas de estudo por falta de rendimentos próprios.

Era fácil: ia fazendo uns exames nacionais que lhe permitiam o acesso ao ensino superior. Depois fazia matrículas sucessivas em diferentes estabelecimentos de ensino. Graças à autonomia das diversas faculdades, à falta de centralização da informação e inerente cruzamento de dados dos vários alunos, o esquema era de difícil deteção.

Nem sequer tinha que mudar de Universidade para manter este estatuto. Bastava ir todos os anos efetuar uma matrícula, não pedir qualquer contagem dos ECTS (que aliás não existam) e depois pedir isenção do respetivo pagamento e bolsa de estudo.

Para isso contava com os serviços da Junta de Freguesia para atestar a sua indigência e dizer que vivia em economia separada do agregado familiar. Ia a uma frequência ou outra, sem qualquer preparação, porque o objetivo era manter-se “para sempre estudante”. Com alguma sorte, ainda chegava a Dux Veteranorum, embora a concorrência seja forte neste campo.

O estatuto de estudante trazia-lhe inúmeras vantagens: deixava de integrar, pelo menos formalmente o grupo dos “nem-nem” e era visto como alguém que não sabe muito bem o que quer, mas que se esforça por mudar, até encontrar a verdadeira vocação. Lá diz o povo: “Deus ajuda quem muda”.

Depois, tinha acesso a um conjunto de regalias nada desprezíveis: acesso às cantinas e a refeições a preços módicos e de cada vez melhor qualidade e variedade.

Também não era difícil arranjar alojamento gratuito: bastava, nos dias em que lhe não apetecia aturar a família, usar as instalações sanitárias e demais espaços comuns acessíveis 24/24 horas, 7 dias por semana, para dormir na Faculdade. E no inverno era

bem mais confortável do que dormir em casa, graças ao aquecimento central.

A oferta de atividades desportivas e culturais era variada e muito interessante, muito convidativa à vida boémia. No verão, o ar condicionado também era muito convidativo, principalmente naquelas longas e cálidas noites de junho e julho.

O passe social permitia-lhe circular pela cidade a seu bel-prazer e o dinheiro que ia obtendo dos serviços sociais a título de bolsa e dos pais dava-lhe para fazer uma vida folgada e boémia q.b..

Se tivesse algum problema de saúde, tinha garantidos os serviços médicos universitários, que são bem melhores e de acesso bem mais fácil e, sobretudo, mais rápido, quando comparado com o SNS.

O diabo está nos pormenores e no cruzamento de informação.

O seu azar tinha sido a recente reestruturação do sistema de informação da universidade e a possibilidade de cruzamento de dados entre as várias Faculdades. O seu nome começou a aparecer com muita frequência e ao longo do tempo, pelo que foi chamado a justificar o eterno estatuto de estudante...

Agora é que reconhece como era bem mais folgado e seguro viver como bolseiro e estudante universitário do que ter a maçada de viver do famoso RSI – Rendimento de Inserção Social.

De repente, vê-se a frequentar ações de formação e cursos técnicos que não lhe servem para nada, porque o seu objetivo não é trabalhar, mas viver sempre à custa de uma qualquer subvenção, de preferência, do Estado.

E corre o risco de ser obrigado a prestar serviço comunitário, ficará a roçar mato para prevenir os incêndios ou, na melhor das hipóteses, a estar fechado num qualquer cubículo a ver se deteta fumo na floresta.

Voltou para casa dos pais e por lá ficará até arranjar alguém com quem juntar os trapinhos e constituir um agregado familiar que reúna condições de elegibilidade para ter direito a uma casa num bairro social. Sempre é melhor do que isto e pode ser que volte a ter sorte e uma companheira que não se importe de trabalhar pelos dois...